Revista Illustrada de Portugal e do Extrangeiro

Director-proprietario: CAETANO ALBERTO DA SILVA

XXXI Volume	Redacção e Administração Travessa do Convento de Jesus, 4	30 de Novembro de 1908	Composto e impresso na Typ. do Annuario Commercial *Praça dos Restauradores, 27*	N.º 1077

Visita de Sua Magestade El-Rei D. Manoel ao Porto

A Parada das tropas no Porto — S. M. El-Rei D. Manuel assistindo á parada
A missa campal no Campo da Regeneração — Passagem das tropas nas ruas do Porto

Chronica Occidental

Porque não ha de tambem o vinho novo ter a sua chronica?

Ainda ha pouco tempo um bem illustre escritor fazia a chronica das vindimas, e levava-nos para dentro do lagar. Depois convidava nos a tomar parte na pisa, que é a operação de despegar o bago do seu pédiculo, a que se chama o desengasse; e á separação do sumo, do cango, do folhelho e do bagulho; á espremedura e cortimenta do môsto. Depois fazia-nos assistir á envazilhagem, ao transporte da lagarâda para os dornachos e para os tuneis em vasos de aduela, baldes de lagareiro ou almudes; e depois á tempera, á transféga, á collagem...

Chega agora a ocasião do encetar as pipas e de abrir os barrilinhos da água pé. Todos os dias nos vem bater á porta algum amigo, ou de algum amigo recebemos um bilhetinho convidando-nos, desafiando-nos para a abertura de tal ou tal barril em tal ou tal adêga, em tal ou tal sitio.

No principio, quando o primeiro homem se encontrou, sem camisa, sobre a terra, tal como virá a encontrar-se um dia sobre a mesma terra o ultimo contribuinte, o seu embaraço foi grande, e só com a muita astucia e o engenho de que Deus o dotara, em compensação de o haver feito surgir do nada e para nada, é que elle poude chegar ao que depois se viu em materia de conforto, de comodidade, e de situação remediada.

Certo é que a nenhum de nós aconteceu ainda vir ao mundo com o curso dos liceus já feito. Todos nós nos achámos tambem, um dia, sem o saber como, á face da terra, e voltados para o sol, como o primeiro homem e como a primeira flor; mas nenhuma das arestas hostis do solo que deviamos pisar nos maguou os pés, nem a percepção tivemos, tão cedo, do isolamento que a vida viria a ser para nós, se cada um de nós, depois, não tivesse o cuidado de encostar-se aos outros...

Nascidos em leitos fôfos, como nascem os principes, ou sobre palhas modestas, como nascem os pobres; sob o tecto doirado dos palacios, ou á beira do caminho agreste, cada um de nós teve a amparal-o duas mãos amigas, e o conforto d'um berço ou d'um regaço. Em seguida, ou a nossa mãe nos deu a sugar o leite dos seus peitos, ou nos puzeram a mamar, sofregamente, gulontonamente, na maminha da nossa ama — sendo até costume o dizer-se que bebemos com o leite tudo aquillo de que pela vida adeante damos prova em questão de sentimentos nobres ou baixos, de valorosa ação ou expediente perfido, conforme damos depois em homens bons ou maus, mesquinhos ou generosos.

Ora, Adão achou-se no mundo, por uma bella manhã da primeira semana, homem já feito, com a barba crescida segundo uns, com a cara rapada segundo outros, mas homem feito em todo o caso, segundo as melhores versões. E achou-se só e nu.

A primeira sensação que elle experimentou foi a sensação do frio; e a essa sensação correspondeu logo, em virtude do maquinismo complicado, mas muito regular e muito exato, que Deus criara nelle, a necessidade do calor; ao primeiro arrepio, que nelle indicou o começo do movimento fisico, sucedeu naturalmente a idéa do fogo, e essa idéa lhe foi o inicio da atividade mental.

Dado assim o impulso a tão estranha engrenagem que nunca mais parou, a segunda idéa que teve Adão foi a de procurar nas algibeiras uma caixa de fosforos. Só então reparou no seu estado de nudez, e d'esse simples reparo se formaram os primordios da arte de alfaiate, pois na mente de Adão surgiu a idéa do estofo, e logo a idéa do côrte, do alinhavo, e da maquina de costura...

Por muito e por mais que procurasse, Adão só encontrava despontando da terra, pequeninos rebentos de folhagem curta, que para o fim de roupagem não bastavam. Urgia, entretanto, ao primeiro homem cobrir-se com alguma coisa. E Deus lhe deparou a vinha, de que elle arrancou a parra com que se cobriu, e se mostrou contente, sendo bem certo o dizer-se depois que sempre Deus deu o frio conforme a roupa.

Debaixo da parra estava a uva. E Adão, ainda em jejum, ousou verificar se a uva seria coisa de comer. Trincou, saboreou, gostou, enguliu o primeiro hago, e devorou dez cachos. Eram uvas loiras, enormes, muito dôces.

Pondo-se a brincar com um bago entre os dedos, cheio de curiosidade das primeiras coisas, Adão apertou, expremeu, e obteve o sumo. Ao cair da tarde d'esse primeiro dia, Adão conseguiu encher, com o licor que encontrara dentro da uva, um vaso improvisado que levaria bem tres litros. E quando o sol desaparecia já aos seus olhos, muito pequeninos e muito vidrados, e se sumia nos confins da terra, Adão que bebera os tres litros, via as coisas andarem-lhe á roda, tinha tonturas, cambaleava, caia embebedado, e a dizer tolices. Adormeceu depois, profundamente; e quando, pela manhã do domingo, acordou, com amargos de bôca e muito mal do estomago, encontrou a seu lado a primeira mulher, que Deus, durante o somno pesado, lhe tirara de uma costela, sem dôr, como quem tira um dente. E Adão disse então a Eva:

— «Eva, vê se me arranjas depressa uma chavena de chá de macela!»

A experiencia e o industrialismo, com o decorrer dos tempos, estabeleceram que ao resultado da fermentação alcoolica do fructo da vinha se chamaria vinho, e depois d'isso inventaram toda uma serie infinita de manipulações que, chegadas hoje a um grau de aperfeiçoamento inexcedivel, nos podem fornecer, transformado em vinho, tudo o que se queria, menos aquillo que está dentro da uva.

Já Plinio e Virgilio, ha dois bons mil annos, se dedicavam a tentativas e cuidados para dar ao precioso sumo a fixidez e o grau de conservação que os progressos da vinicultura, experimentados mais tarde nas melhores adegas, acentuavam de anno para anno, á medida que, pelo fenomeno chimico da fermentação, as ignoradas substancias das uvas de Corintho, e da ilha grega de Samos, se transformavam em licores inestimaveis destinados ao consumo de uma privilegiada clientella de deuzes.

Um dia se averiguou que os vinhos eram verdadeiros alimentos, em virtude dos corpos soluveis que continham, como o alcool e os assucares, tidos por excellentes alimentos respiratorios, e a glicerina e as materias gordas azotadas, magnificos alimentos constituitivos. E os amigos da Humanidade recommendam então á Humanidade o uso moderado d'essa bebida, que avigurava as forças fisicas, e dispunha a natureza para os trabalhos asperos e contrariedades da vida, dando-lhe um sobrio caracter de bom humor muito conviniente ao trato das sociedades.

Veio depois a medicina e estabeleceu a aplicação therapeutica do vinho, explicando que, pela simples ingestação d'esse producto, era possivel imprimir aos orgãos, aos nervos, aos musculos, as vantagens fecundas de uma boa alimentação. Os anemicos deitaram-se aos vinhos ferruginosos, os diabeticos foram-se aos vinhos brancos secos, os gastralgicos atiraram-se, de cabeça, aos palhetes aveludados... e o vinho foi o alivio dos convalescentes, e a juvialidade dos sãos!

Com o uso generalisado das bebidas fermentadas, veio o abuso d'ellas. Sobre um tunel engrinaldado de parras, os beberrões que quizeram ter um deus, escarrancharam Baccho, e ao redor d'esse grandissimo patusco, de larga venta cabelluda e rubra, mal equilibrado sobre o seu altar, a desbragada farandola desembestou, entre as dez e as onze, pela noite tenebrosa da bórga...

Desde então, a devindade de Baccho é invocada para um sem-numero de casos e situações difficeis, e a ella sacrificam disparatadamente, o Amor, a Virtude, o Bom Senso, o Estro e o Dinheiro. E, com effeito, nunca um fiel, dos billiões de fieis que esse deus galhofeiro conta sobre a terra, se lhe dirigiu, sem que d'elle houvesse recebido a desejeda graça. Indistintamente, com elle se estendem os sectarios das mais contrarias seitas, os fanaticos das religiões mais oppostas, os defensores dos mais intransigentes dogmas, ricos e pobres, nobres e plebeus, ignorantes e sabios. O orador a quem falta a fluencia que é natural em outros; o timorato que empreende um grande golpe de audacia; o desgraçado que procura o esquecimento da sua desgraça; o maltrapilho que tem frio; o socialista que tem odio — todos elles encontram na invocação de Baccho, a ventura, passageira ventura, mas ventura, d'aquelle conjunto muito juvial de fenomenos que succedem sempre ao abuso das bebidas espirituosas...

João Prudencio.

Visita de S. M. El-Rei D. Manuel ao Porto

Continua El-Rei no norte, e no Porto passou o dia do seu anniversario natalicio, que foi ali ruidosamente festejado como verdadeiro dia de gala, em que não faltou a recepção no paço real a que concorreram 3:400 pessoas.

De Lisboa havia ido, dois dias antes, S. M. a Rainha D. Amelia e S. A. o Infante D. Affonso. Na vespera foi o sr. Patriarca, ministros de estado honorarios, altos dignitarios, pares do reino, deputados, camara municipal e representantes de varias corporações do comercio e industria, etc., para o que houve dois comboios em a noite de sabado, 14.

De Santarem, Coimbra e Aveiro tambem houve comboios especiaes para condusir pessoas que queriam assistir á recepção, o que junto ás autoridades eclesiasticas, civis e militares, ás corporações portuenses, do conselho, etc, constituiu uma recepção tão numerosa e luzida, que foi muito além do que em regra costuma ser na côrte, em estes dias.

Se a isto se juntar as demonstrações festivas que houve na cidade durante o dia e noite, em que nas principaes ruas houve vistosas iluminações e fogos de vistas, musicas e folguedos populares, bem se póde dizer que o primeiro anniversario do Senhor D. Manuel, como rei de Portugal, foi festejado como raras vezes sucedeu a seus antecessores.

Durante a recepção, que levou mais de tres horas, o povo apinhoou-se em frente do paço, aclamando o rei, a familia real e a patria, vindo muita gente de Vila Nova de Gaia, em que figuravam varias corporações, os bombeiros e uma banda de musica, formando tudo um cortejo assaz pitoresco, que desfilou pela rua do Triunfo deante do palacio dos Carrancas.

Depois do jantar no paço, El-Rei foi assistir á recita de gala no teatro Gil Vicente do Palacio de Cristal.

No dia 13 tinha El-Rei visitado a monumental egreja do Carmo e depois foi á real egreja da Lapa, examinar o coração de D. Pedro IV que ali se encontra em perfeita conservação n'um mausoleu, na Capéla-mór ao lado do Evangelho. E' um monumento singelo, mas de elevada significação. De desenho elegante, como se vê da gravura que publicamos, é todo de granito. Entre as duas columnas decorativas formadas por feixes de lanças, está uma grande placa de cobre onde se lê uma inscrição latina cuja tradução é a seguinte:

«Eis o coração daquelle varão tão grande, que «inflamado no amor da gloria e de genio singular«mente liberal para todos, primeiro (1826) outor«gou a liberdade aos portuguêses; depois (1832), «oprimidos estes pelo mais acerbo cativeiro, por «armas e conselho, os restituiu de novo á li«berdade; então (1834), batidas, e de todo desba«ratadas as innumeras tropas do tirano, derrubado «este do solio, e expulso do reino, e colocada no «solio de seus avós Maria II, sua carissima filha, «convocou côrtes, e consolidou o imperio confor«me as exigencias do tempo; por ultimo (1834), «quebrantado por taes e tantos trabalhos, e arre«batado por uma morte prematura, ao passar «desta para melhor vida (24 de setembro), legou «a esta nossa antiga, muito nobre, sempre leal e «invicta cidade, esta a melhor porção de si mes«mo, este tão grande penhor do seu amor.»

A placa com esta inscrição, assenta sobre uma porta de carvalho que fecha o penetral, em que se encerra o coração de D. Pedro IV, contido num vaso de cristal e este dentro de uma urna de prata doirada de uns 30 centimetros de altura, com duas inscrições, sendo uma em latim, a da frente da urna, de que damos a tradução:

«D. Pedro, Duque de Bragança, fundador da «paz, doador e vingador das liberdades publicas, «havendo, por impulso da Divindade, e com a «sua grandesa de alma, aportado ás praias do «Porto, e tendo ali, pela força do exercito que «comandava, e pela grande e quasi incrivel ajuda «que lhe prestaram os portuenses, vingando ao «mesmo tempo, e com justas armas, a Portugal, «tanto do tirano que o oprimia, como de toda a «sua facção, elegendo o duque, por isto mesmo, «e ainda em vida, aquelle logar onde tão magna«nimamente expoz a propria vida pela patria, para «nelle, depois da morte, descançar o seu coração; «Amelia Augusta, amantissima consorte do du«que, querendo de boa vontade, e com razão, «cumprir o voto de seu esposo, encerrou reveren«temente nesta urna os despojos mortaes do co«ração de seu marido.»

No lado oposto da urna estão gravadas as seguintes palavras extraidas da proclamação de 1834, quando D. Pedro IV visitou o Porto:

«...Eu me felicito a mim mesmo, por me vêr «no teatro da minha gloria, no meio dos meus «amigos portuenses, daquelles a que devo, pelos

«auxilios que me prestaram durante o memora«vel sitio, o nome que adquiri, e honrado deixa«rei em herança a meus filhos.

«Porto, 27 de julho de 1834.

D. Pedro, Duque de Bragança.»

O Senhor D. Manuel tem continuado suas visitas a estabelecimentos publicos e particulares da cidade e seus suburbios, tendo tambem assistido ao baile do Club Portuense dado em sua honra, e que foi uma festa brilhantissima como não ha memoria naquelle club, e onde se repetiram as ovações ao joven monarca numa grande espanção de alegria e carinho inexcediveis.

No dia 17, El-Rei foi a Viana do Castélo, em comboio real que partiu do Porto ás 9 horas da manhã, o qual teve curtas paragens em Ermezinde, Famalicão, Nine e Barcellos, e em todas estas terras o povo acudiu em grande numero ás estações embandeiradas, a vitoriar e aclamar o monarca, sendo recebido com musicas, foguetes e flôres, e sendo-lhe lidas mensagens de saudação, pelos presidentes dos respetivos municipios.

Viana do Castélo toda se enfeitou para receber o joven Rei, e não só as ruas e praças por onde devia passar o cortejo real estavam decoradas de arcos e bandeiras, e colchas de seda pendentes das janelas, como os camponeses das circanias correram á cidade com seus lindos trajes, especialmente o das mulheres tão pitorescos como outros não ha em Portugal.

Foi por entre calorosos vivas e aclamações que El-Rei D. Manuel percorreu todo o trajeto até á Assembléa Vianense, formando-lhe cortejo todas as autoridades locaes, corporações do comercio, varias associações artisticas e outras, bombeiros dos Arcos de Val-de-Vez, Monsão, Caminha, Ponte de Lima e Viana, academicos e por fim a Camara Municipal, o que tudo precedia El-Rei, fechando o cortejo um esquadrão de cavalaria.

Houve *Te-Deum* na egreja de S. Domingos em que oficiou o sr. arcebispo de Braga, depois do qual El-Rei visitou os paços do concelho, onde o sr. presidente leu uma mensagem de saudação muito afétuosa ao monarca, que em breves palavras a agradeceu, dando depois recepção ás autoridades e pessoas mais distintas da cidade e seus concelhos.

No largo junto ao antigo edificio da Camara estavam armadas duas tribunas, onde 1:500 creanças cantaram o himno na bandeira.

O Senhor D. Manuel foi depois á Misericordia, Hospital e Asilo de Caridade, onde foi recebido pela direção, e visitou todas as dependenciss deste grandioso edificio modelo.

Por toda a parte vivas aclamações acompanharam El-Rei, que depois destas visitas se dirigiu ao Monte de Santa Luzia, um dos pontos mais encantadores dos suburbios de Viana do Castélo, onde se vêem ainda as ruinas de Britania, consideradas monumento nacional.

Vê-se ali o velho templo que vae ser substituido por outro de grandiosa fabrica, que uma comissão está tratando de edificar. Foi esta comissão que recebeu o monarca e da qual, o presidente sr. Silva Campos lhe deu as boas vindas.

No regresso, El-Rei visitou a oficina de S. José e o Castélo de S. Tiago, aquartelamento de artilharia e infantaria 3, e ali lhe foi feita a ceremonia da entrega das chaves da praça, pelo comandante da bateria.

O banquete real no edificio da Assembléa Vianense, foi imponente, sendo ao *toast* levantado um brinde pelo sr. presidente da Camara, em termos entusiasticos agradecendo a visita de El-Rei, brinde a que respondeu o monarca com palavras de reconhecimento pelas calorosas ovações com que era recebido na nobre e leal cidade de Viana do Castélo, manifestando ao mesmo tempo a sua grande fé no engrandecimento da patria, liberal e glorificada pelo trabalho de seus filhos em que cada vez mais confiava.

El-Rei regressou ou Porto pelas nove horas da noite e foi acompanhado á estação por todas as autoridades e mais pessoas que lhe formaram cortejo, sendo precedido de uma marcha de archotes arganisada pelos bombeiros e socios da Associação Maritima.

Na quarta-feira, 18, almoçou El-Rei na Associação Britannica da colonia inglêsa do Porto, onde teve uma recepção brilhante, em que muito se distinguiram as senhoras inglêsas que cobriram o joven Rei de flôres.

N'esse dia visitou ainda a Ordem do Carmo e varios estabelecimentos industriaes, de comercio e ourivesarias, sendo lhe oferecido na ourivesaria dos srs. Reis Filhos, a mais importante do Porto, uma linda obra de arte em prata feita propositadamente para esse fim.

Na quinta feira visitou o Tribunal da Relação, onde foi recebido pelos respétivos juizes e mais pessoal, e o presidente dirigiu a El-Rei uma alocução apropriada, a que o monarca respondeu.

Visitou depois varios estabelecimentos fabrís, mostrando sempre seu grande interesse em conhecer todas as forças produtoras do Porto, como deseja conhecer as de todo o país.

Na sexta feira, 20, realisou a sua visita a Coimbra, onde teve uma recepção brilhante, principiando logo pela chegada, em que, apesar de todos os esforços da policia para abrir caminho ao cortejo real, foi impossivel conter a massa de povo que com os estudantes monarquicos, se acercou da carruagem real e por todo o trajéto foi vitoriando o Rei.

As ruas estavam vistosamente decoradas, em especial as da Sofia e Ferreira Borges, estas duas grandes arterias da cidade, e com dificuldade o cortejo real seguiu até á Sé, por entre a enorme multidão que aclamava o Senhor D. Manuel.

D. Alberto Bramão

Na Sé foi cantado *Tê-Deum* pelo sr. Bispo Conde, depois do qual, El-Rei se dirigiu para a Universidade, no meio de grandes ovações, estendendo os estudantes as capas no chão á sua passagem.

Na sala das congregações foi servido o almoço a El-Rei a que assistiram, além da comitiva real, os decanos de todas as faculdades, reitor, etc.

Ao brinde que o sr. Reitor dirigiu a El Rei, respondeu o soberano dizendo: «Em volta do trono liberal e amplamente aberto a todas as iniciativas, desejo congregar todos os portuguêses. E' essa a minha mais ardente aspiração. Quero reinar, reinando ao meu lado a lei.»

Acabado o almoço, passou El-Rei á rica sala dos Capêlos, onde teve logar a distribuição de premios aos estudantes mais distintos, comparecendo a recebel-os só os estudantes monarquicos em numero de uns duzentos e tantos.

A' alocução que fez o sr. Reitor o monarca respondeu, lendo um breve discurso, que terminou dizendo: «Academicos gloriosos, ao entregar-vos os premios que a vossa inteligencia e o vosso trabalho souberam conquistar, eu vos entrego o meu pensar e a minha confiança em vós e a radiosa esperança do futuro da nossa patria. Viva a Universidade.»

As palavras de El-Rei foram aplaudidas com salvas de palmas que repercutiram por toda a sala, por onde resoavam ruidosas aclamações.

Não foi menos festiva e calorosa a recepção feita a El Rei nos paços do concelho, onde o presidente sr. dr. Marnoco e Sousa leu uma alocução apropriada a que o Senhor D. Manuel respondeu em breves palavras, agradecendo o bélo acolhimento que a cidade lhe fazia, não se demorando em mais visitas, pelo adiantamento do dia, pois retirou quasi á noite.

A' sahida de Coimbra repetiram-se ainda com maior entusiasmo as ovações a El-Rei, e trezentos e tantos estudantes o vieram acompanhar até ao Porto, no comboio real.

Depois da ida a Coimbra tem Sua Magestade em dias sucessivos, visitado as obras do Porto de Leixões, e Mattosinhos; foi a Espinho inaugurar o caminho de ferro do Valle do Vouga, o que constituiu mais uma festa brilhante, revestida de galas, com que a povoação se enfeitou, para receber o monarca no meio das mais entusiasticas aclamações, desde o entroncamento da linha, em Espinho, até Oliveira de Azemeis, em grande regosijo publico, tanto mais justificado pelo grande melhoramento que representa a inauguração daquelle caminho de ferro.

El-Rei foi recebido em Espinho na casa da Assembleia, onde almoçou, e depois dos cumprimentos, seguiu para Oliveira de Azemeis, tendo diferentes paragens como na Vila da Feira, onde descançou em casa do sr. dr. Mourisca e ahi lhe foi servido um *lunch*, dando depois recepção. Visitou a egreja matris e o vetusto Castélo, reedificado por El-Rei D. Manoel I, e que é um monumento nacional.

No apeadeiro da Arrifana, em S. João da Madeira e no couto de Cucujães o povo esperava tambem a passagem do comboio para aclamar El-Rei.

Em Oliveira de Azemeis a recepção foi das mais festivas, para o que toda a vila ostentava as suas melhores galas e toda a população acolheu El-Rei com entusiasticas aclamações.

Nos paços do concelho, onde esteve El-Rei e lhe foi lida pelo presidente uma mensagem de saudação, ahi recebeu os cumprimentos das pessoas mais gradas da vila e seus arredores, sendo ruidosamente aclamado quando chegou á varanda do edificio para agradecer ao povo as ovações que não cessava de lhe fazer.

Na quarta feira, 25, realisou-se a formatura em parada das tropas de guarnição do Porto, havendo missa campal celebrada pelo sr. Bispo D. Antonio Barroso, no altar previamente armado na varanda do quartel do Campo da Regeneração, vasto terreiro onde as tropas poderam formar á vontade.

Foi um espétaculo grandioso e empolgante, como raras vezes se terá visto na cidade da Virgem.

El-Rei com seu estado-maior assistiu á missa e depois de passar revista ás forças militares, seguiu á sua frente para a praça de D. Pedro, onde recebeu a continencia das mesmas.

Foi um dos dias de maior festa dos que El-Rei tem passado no Porto, e em que mais o vitoriaram.

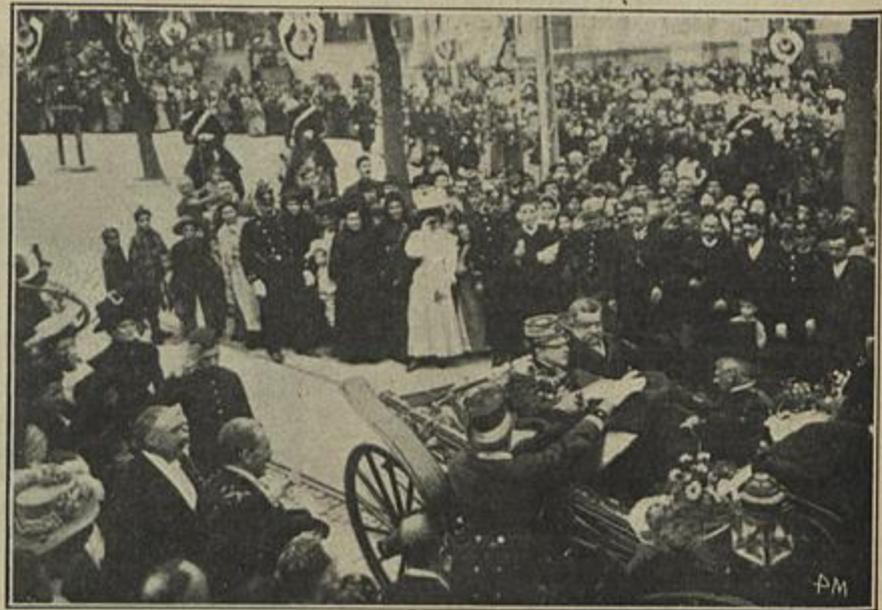
A laboriosa cidade tem sabido receber o Rei, sem descurar do seu constante trabalho, pois nas visitas que o Senhor D. Manuel tem feito aos estabelecimentos fabrís, tem visto com prazer estes em laboração, sem por isso deixar de ser recebido com todas as demonstrações festivas.

Casamento e Divorcio

POR

D. ALBERTO BRAMÃO

Não sei bem explicar porque motivo só ha pouco me chegou ás mãos este livro que, pela amavel dedicatoria com que me foi oferecido por seu autor, o deveria ter recebido em maio, como vem datada. Só posso atribuir o facto ao livro se ter envolvido com outros, que diariamente se vão acumulando sobre a mesa de trabalho, de modo que tarde se me deparou á vista, e com que ma-

Visita de Sua Magestade El-Rei D. Manuel ao Porto

Arco triunfal na rua Pinto Bessa, em Campanhã — El-Rei, na visita á Escola Industrial «Infante D. Henrique»
Em Braga os estudantes acompanhando o cortejo real — El-Rei dirigindo-se para a Egreja da Lapa, para vêr o Coração de D. Pedro IV

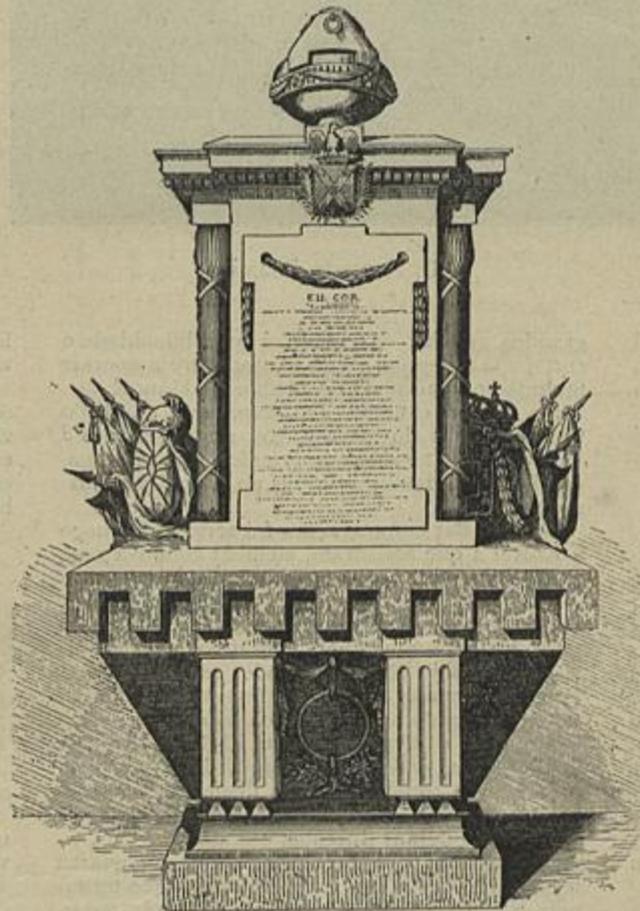
goa o digo, por ter assim incorrido numa falta, que bem escusava ter cometido. Que o meu querido amigo o sr. D. Alberto Bramão m'o releve, como involuntaria ella foi, e nisto confiado eu vou agradecer o seu bélo livro *Casamento e Divorcio*, ao mesmo tempo que dêlle dou noticia, ainda que tardia, aos leitores do Occidente.

Confesso que me surpreendeu que o sr. D. Alberto Bramão, um poeta cuja musa inspirada mais se eleva ainda nos primores da sua prosa, distinguindo-se pela finura e gentilesa de seus escritos, viesse a publico com um livro tratando de um assunto melindroso, sobretudo para a mulher, que em geral o repudia, como atentatorio das garantias que ella tem na familia.

Surpreendeu-me, é verdade; mas depressa passou a surpresa, lendo o livro, em que de resto o seu autor diz que defendendo o divorcio, só pretende favorecer a mulher.

Eu não tenho competencia para entrar no assunto, e por isso me abstenho de emitir opinião de leve.

Percorrendo este livro, que é volumoso, de perto de 400 paginas, lendo-o até e com muito prazer, vejo que o sr. D. Alberto Bramão, estudou largamente o casamento e o divorcio, desde os mais remotos tempos; cita e compulsa muitas obras de escritores antigos e modernos sobre a materia, e explanando assim a questão, esclarece com bastante trabalho tudo quanto até ao presente se tem dito ácerca deste problema social — para lhe não chamar de amor — em verdade de ponderada transcendencia.

E' ainda isto que me surpreendeu, que o sr. D. Alberto Bramão, entre o culto

Mausoleu onde se guarda o coração de D. Pedro IV na egreja da Lapa, no Porto

das musas e as subtilesas da sua prosa, se entregasse tambem ao estudo arido e trabalhoso de livro desta ordem, que está pedindo a béca de um jurisconsulto com toda a austeridade das leis e o bolôr dos codices.

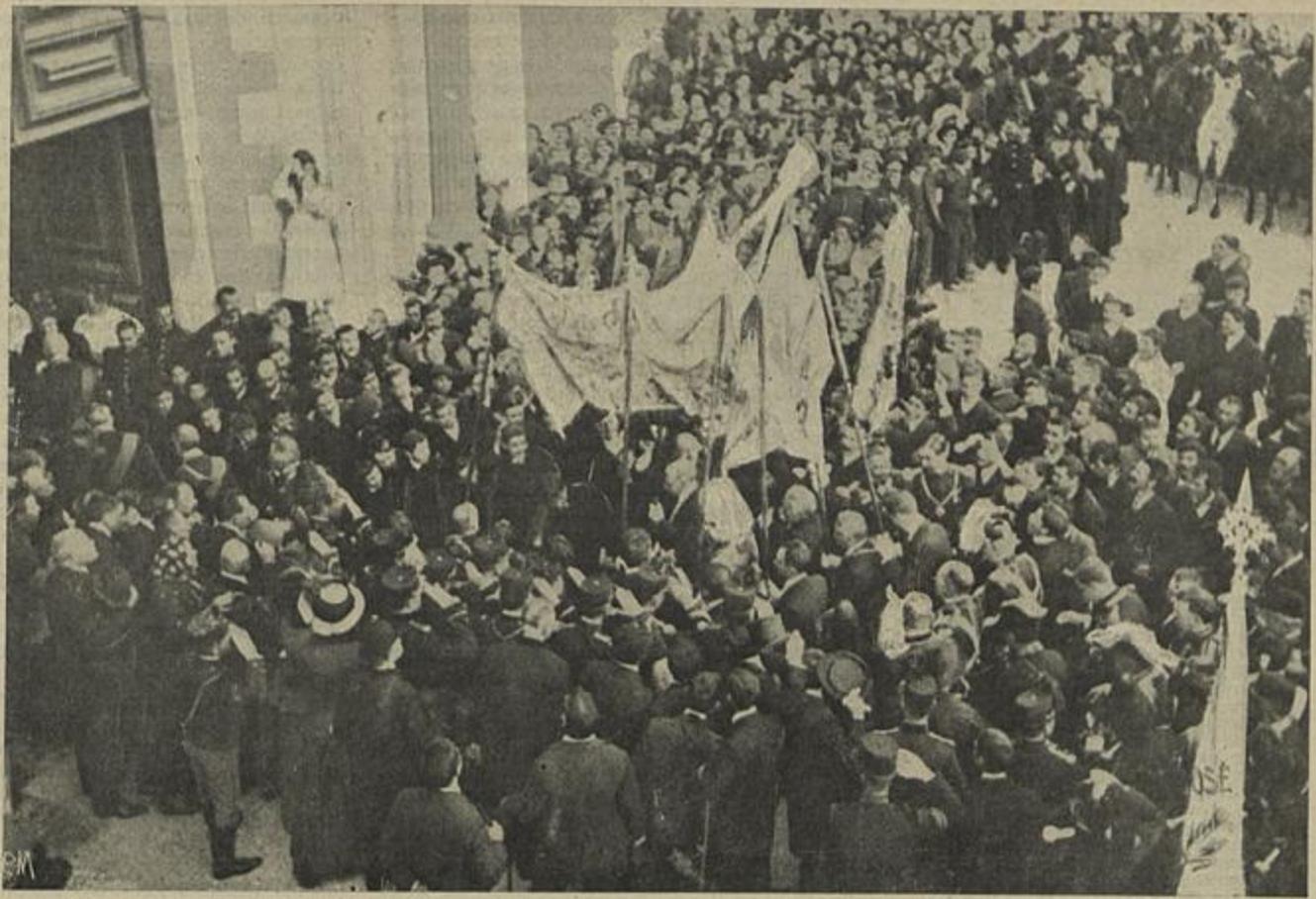
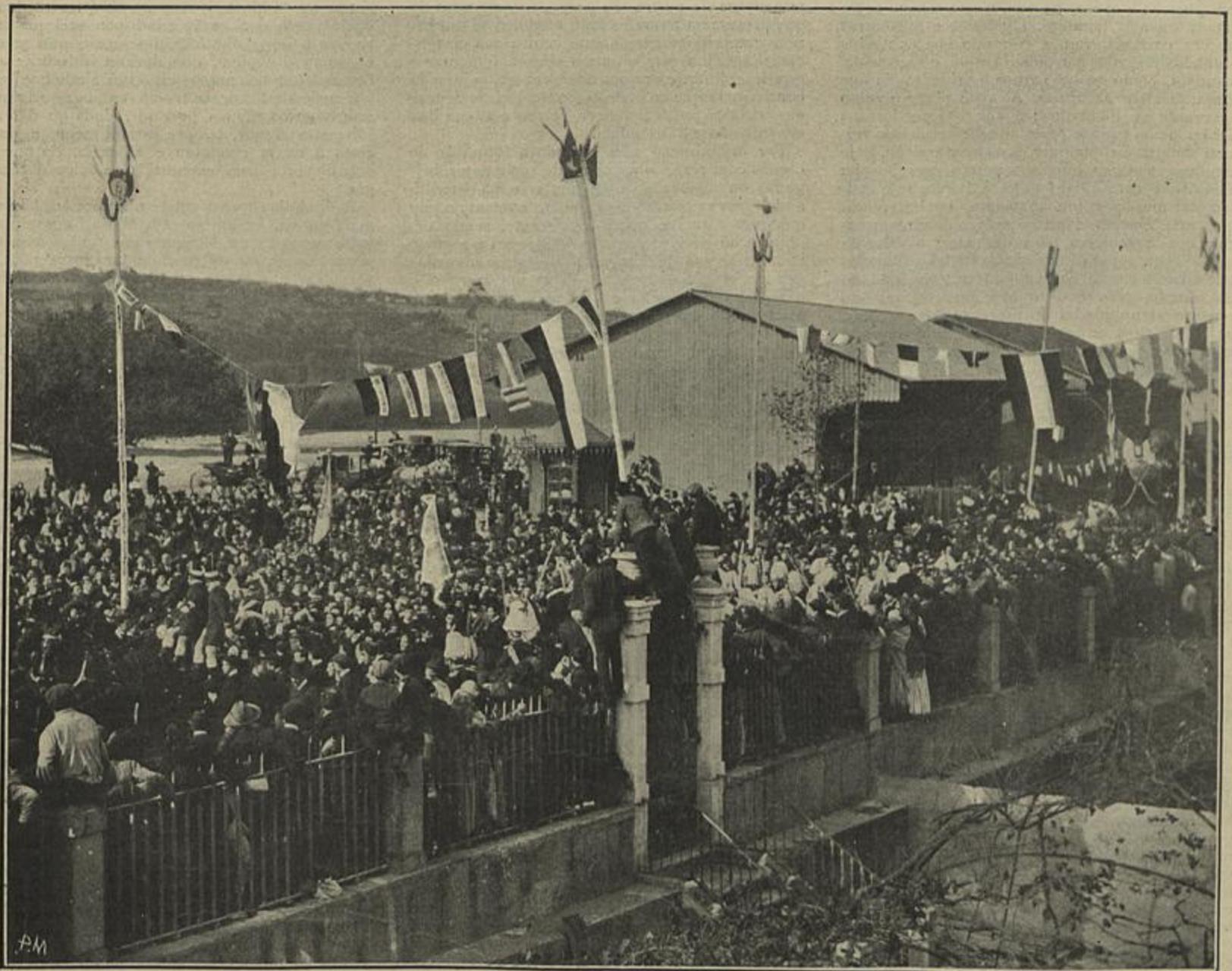
Estamos muito atrazados; um seculo ou mais atrazados, diz o autor e é verdade, mas por isso mesmo se nos afigura um perigo abrir já as portas ao divorcio, como a muitas outras coisas para que o nosso meio não está preparado.

O edificio da nossa civilisação mal está ainda nos caboucos para que lhe possamos pôr a cupula, como castelinho de cartas que um leve sopro derruisse.

E' preciso primeiro educar muito para conscientemente se operar a evolução; mas estamos crentes que ao chegar ao perfeito conhecimento dos deveres moraes que aperfeiçoam a humanidade com o respeito reciproco desses deveres, não será preciso o divorcio, porque os bons costumes, o amor da propria conservação, a perfeição humana para a qual se pretende caminhar, não permitirá que a ligação do homem com a mulher esteja á mercê de caprichos e leviandades, tantas vezes condemnaveis, quando não vem para o caso as conveniencias e o vil interesse, mais condemnavel ainda.

Aquella perfeição está ainda longe de ser atingida por esta pobre humanidade que se debate entre muitos erros e remedios, um dos quaes é o divorcio como calmante.

E aqui está como sem querer disse alguma coisa do que penso sobre o divorcio, que embora noutros povos esteja inscrito nas suas leis, não quer isso dizer que elle por emquanto se adapte sincera e

Visita de Sua Magestade El-Rei D. Manuel a Coimbra

El-Rei, sob o palio, entrando na Universidade

Aspéto da Estação Nova de Coimbra, á chegada de El-Rei
(Cliché da fotografia Santos)

ponderadamente a todas as indoles, tradições e usos dos diferentes povos.

Posto isto, o livro *Casamento e Divorcio* pareceu-me uma obra de folego, bem estudada a questão, um trabalho serio, como, infelizmente, hoje raros aparecem no nosso meio literario onde o sr. D. Alberto Bramão occupa logar distinto.

E' quanto se me oferece dizer sobre o *Casamento e Divorcio* com os meus cordeaes agradecimentos pela gentilesa do oferecimento.

Caetano Alberto.

Centenario da Guerra Peninsular

Duendes dos nossos exercitos descobertos por um bom patriota

Traducção do hespanhol impressa em Lisboa no anno de 1810

E' curiosissima esta patriotica proclamação dirigida ao povo de Cadiz, e encerra axiomas militares d'um valor absoluto.

Aquelles que lendo a historia das campanhas peninsulares na Hespanha se sentem preplexos ante a indomita valentia hespanhola, o patriotismo feroz do povo e as derrotas successivas da maior parte dos seus exercitos, encontram n'estas paginas a explicação clara d'esses desastres.

D'este mal d'ignorancia e indisciplina soffriam os exercitos de ambas as nações peninsulares, todavia, factos como a campanha de Rossilhão e a conducta da nossa Legião em França, provam que a indisciplina das tropas portuguezas era ainda assim menor, o que permittiu facilmente a Beresford organisar em pouco tempo um forte nucleo de tropas capazes de fazer frente em campo de batalha aos exercitos de Napoleão.

Estão completos dois annos que nos achamos em guerra; e apesar de que, n'esse espaço se tenham travado batalhas, combates e mil outras acções parciaes, vemos comtudo que os nossos soldados resistem por pouco tempo, e logo se debandam, como se hoje fosse o primeiro dia que empunhassem as armas. A' vista d'isso o vulgo ignorante se maravilha; e como já por fortuna acalmou em grande parte aquelle pernicioso frenesi de atribuir qualquer desastre a traição, hoje limita-se a dizer que nos nossos exercitos ha *Duende*, e com effeito assim é. Porém se o contemplar-mos por um momento, conheceremos que este *Duende* é um complexo de circunstancias que concorrem para deslustrar o valor da nossa tropa, e para inutilisar as bellas qualidades que constituem ao Hespanhol o primeiro soldado do mundo. Não é de minha intenção, quando censuro as nullidades do nosso systema militar, ou os defeitos de uma grande parte dos nossos militares, offender aquelles que não teem de que sejam arguidos; pois não ignoro, nem igualmente a nação, que entre os defensores da sua honra e independencia ha officiaes, adornados de todas as prendas da sua profissão, sobre os quaes não pode recair a mais leve nota de pouca instrucção, cobardia nem disciplina; porém, por desgraça não é o numero d'estes tão avultado como seria mister, para que os nossos exercitos correspondessem á grandeza da nação hespanhola e á gravidade das circumstancias presentes.

Muitas são as causas que contribuem para a dispersão dos nossos soldados, e para a difficuldade de darem uma batalha com vantagem e serem vencedores: porém as principaes são tres: ignorancia, má organisação dos nossos exercitos e falta de disciplina.

A opinião brutal de que para a vida militar não era preciso saber muito, concorreu para que os nossos officiaes se applicassem muito pouco, de que resulta esta falta de instrucção e theoria que tanto lhe notamos, e que n'esta occasião não só suppriria em grande parte a falta de pratica que não é possivel que tenham, mas tambem lhes facilitaria o adquiril-a com mais promptidão. Falemos com ingenuidade: quão poucos officiaes ha nos nossos exercitos, que tenham noções de geometria, tactica, thopographia, geographia, historia, etc.? A muitos até os nomes d'estas sciencias são extranhos. Ha offlcial que apenas em toda a sua vida abriu um mappa e d'estes mesmos são muito raros os que se encontram nos nossos exercitos, onde é tambem quasi desconhecido o uso das imprensas para a mais expedita publicação de ordens, proclamações, avisos, noticias e outras cousas d'esta natureza que poderiam instruir o soldado e exercitar o seu enthusiasmo. E se um subalterno sem alguma tintura pelo menos d'estes principios, jamais hade conseguir desempenhar com distincção as commissões que se lhe encarregarem, como poderemos esperar que chegando depois pela sua antiguidade e rotina costumada a ser chefe, ou á dignidade de general, que tantos talentos e conhecimentos requer, não commetta mil parvoices, e erros crassissimos? Todos os grandes generaes antigos e modernos foram homens de instrucção mais que vulgar; e até os que a revolução franceza tirou do pó, e da escoria do povo, já tinham principios geraes que depois applicaram com facilidade á grande arte da guerra.

A' primeira vista parecerá chimerico um systema scientifico nos nossos exercitos e muito mais na epoca presente; porém se reflectir-mos sobre a certeza da assersão de um grande sabio que confessava ter se amestrado com a leitura e a conversação, não acharemos difficultoso que a maior parte dos nossos militares possam adquirir ainda mesmo em campanha, grandes conhecimentos theoricos com o auxilio de alguns livros, e de frequentes conferencias entre elles sobre a sua profissão, pois não lhes faltam horas de ociosidade e descanço, que por desgraça empregam em outras occupações de fatal trascendencia. E senão, que exercito ha em que se não jogue continuamente? Que official que não inverta muitas horas do dia e da noite n'esta funesta tarefa que absorve todos os seus pensamentos, e na qual não poucos se envilecem, e degradam até ao ultimo extremo, esquecendo-se não só das obrigações da sua profissão, mas tambem das que lhe impõe a sua houra e a sua classe? D'aqui resulta uma dilatada cadeia de vicios que lhes enerva o corpo, e a alma, que lhes destroe o enthusiasmo militar, e que fomentando no seu espirito ideias frivolas e mesquinhas, afasta aquelles heroicos e sublimes sentimentos que são o movel das grandes campanhas. E certamente, de ordinario as conferencias de uma parte dos nossos militares quasi sempre versam sobre materias de jogo, ou de enamoração e quando muito sobre pretenções de postos, ou outras recompensas de que presumem terem-se feito credores só por terem cumprido escassamente com a sua obrigação. Remediar este e outros abusos, fomentar o espirito militar, e dar aos nossos exercitos aquella consistencia que os pode fazer temiveis, e sem as quaes não é possivel vencer, pertence a uma boa organisação e á disciplina.

Por organisação não entendo a formação de corpos com respeito ao nome de regimentos, brigadas ou legiões, segundo um systema determinado, pois emquanto a este ponto contemplo que qualquer forma é quasi indifferente, sendo nenhuma ou mui pequena a vantagem que pode resultar da sua differença. O que forma a verdadeira e essencial organisação de um exercito, é a perfeita disposição de todas as partes, que á maneira de outras tantas rodas concorram para pôr em movimento concertado esta grande machina. Uma das principaes são os Estados Maiores estabelecidos segundo o systema adoptado pelas nações mais cultas da Europa.

Não ha um militar instruido que não conheça a utilidade dos estabelecimentos d'esta natureza, (aos quaes devem os nossos inimigos uma grande parte das suas victorias) já pela formação dos seus planos, já pelo acerto das suas disposições, já pela exactidão dos seus uniformes, e já finalmente pelas suas operações, com que, não só auxiliam o General, mas até o illuminam, pondo-lhe diante dos olhos, com clareza, exactidão e laconismo tudo o necessario, tanto para a concepção de um plano, como para a execução de uma empreza.

As repartições de viveres, munições, vestuario e hospitaes não são menos interessantes. Por mais valente e disciplinado que seja o soldado, jámais pelejará com valor se não estiver bem vestido e alimentado. Para occorrer a esta necessidade conviria adoptar um systema de armazens por graduação, quero dizer, que os principaes se estabelecessem em pontos inacessiveis ao inimigo; os menores mais immediatos ás reuniões das nossas tropas, mas tambem em sitios de sobeja ignorancia; e ultimamente que os mais diminutos se collocassem em pontos proporcionados para sortirem os exercitos com facilidade.

As conveniencias que resultariam de semelhante disposição, por si mesmas se deixam ver, e meramente resta advertir, que posto não parecer regular que os ultimos armazens em razão da sua escaceza desafiassem a cubiça do inimigo, deveriam não obstante estar todos providos de fornilhos para os fazer voar no caso de ser preciso abandonal-os de repente, a fim de que d'elles se não podessem aproveitar os inimigos.

Porém, o que sobre tudo firmaria a sorte dos nossos exercitos seria a organisação de alguns numerosos corpos de reserva, que em qualquer desastre disputariam os progressos do inimigo, sustentariam nossas forças, facilitariam a reunião dos dispersos, e algumas vezes obrigariam a victoria a que se declarasse pelas nossas armas. A estes corpos tem devido os francezes, e com especialidade Bonaparte, o feliz exito de algumas em que desde logo a sorte lhes tinha sido contraria. Com os mesmos corpos de reserva se poderiam formar acampamentos de instrucção, aonde, afóra de ensinar ao soldado tudo o concernente á sua obrigação, se executassem manobras com reunião das tres armas, para que os individuos de cada uma d'ellas se instruissem no modo, com que deviam obrar juntas, e nos auxilios reciprocos, que podiam esperar, e deviam assegurar-se uma da outra.

Ali se adestraria o General, o Official e o Soldado; e quando fosse necessario que marchassem contra o inimigo, não teriamos o sentimento de ver apresentar-se tumultuariamente deante d'elle bandos de homens inexpertos, que ou fogem ou se dispersam logo, ou são victima infructuosa do seu valor, porque quanto mais valente é o soldado, tanto mais está exposto a ser sacrificado inutilmente, se lhe faltam instrucção, organisação e disciplina.

Quanto esta deva ser rigida e severa entre nós, o indica a qualidade dos nossos soldados quasi todos bisonhos; porque, posto ser certo que o homem se acostuma a tudo, o costume de arrostar a morte com serenidade a sangue frio, não se adquire com aquella facilidade e promptidão que necessitamos, e sem um estimulo violento, superior em certo modo ao temor da mesma morte.

O enthusiasmo sempre é ephemero, e em uma epocha em que a corrupção dos costumes tem destruido a energia das paixões sublimes, só o rigor de uma disciplina extremadamente exacta e severa, pode produzir aquelles effeitos, que n'outros tempos produziram a honra, o amor da patria ou da gloria, o respeito ou o fervor da religião; pela qual razão é indispensavel que hoje occupe o logar d'este sentimentos a mais severa e exacta disciplina, que deveria introduzir se e conservar se nos nossos exercitos ainda que fosse por meio de terror, se receio de que se originassem funestos effeitos, pois que, ainda quando resultassem alguns, sempre seriam menos prejudiciaes á causa commum e á patria, do que os occasionados pela extenuação e falta de energia.

A disciplina transforma em heroes aos homens mais debeis, emquanto sem ella o General mais valoroso na frente de numerosas tropas jámais se poderá lisongear de commandar um exercito. A vergonha e a honra, regularmente nada podem com a plebe; porém o mesmo medo, que no perigo acobarda o soldado, se é excitado pela certeza de um inevitavel castigo, e o acompanha o costume invariavel de obedecer cegamente, produz maravilhosos effeitos e consegue em um exercito o que de nenhum outro incentivo se poderá esperar.

Muitos dos nossos militares contemplam como frivolos ou de pouca importancia certas miudezas na disciplina, que só podem parecer taes ao que não conhece o coração humano, e não tem ideias da arte da guerra, em que nada ha indifferente e de curta transcendencia. O descuido nas coisas mais pequenas conduz insensivelmente ao desprezo das de maior gravidade, pelo que não basta só que a disciplina seja boa, cumpre tambem observal-a á risca com a mais inalteravel exactidão. Qual seja ella em um corpo, ou em um exercito o manifestam á primeira vista o modo de vestir do soldado, o seu procedimento e a sua disposição, ou atavio exterior. Eu não creio que os francezes e os inglezes sejam naturalmente mais airosos do que os hespanhoes; comtudo os seus corpos apresentam um aspecto mui distincto do nosso, o que não deve attribuir se a outra coisa senão á disciplina.

Os vicios são os maiores obstaculos para a introduzir, e manter nos exercitos. A vida relaxada ao passo que destroe as forças corporaes debilita as faculdades da alma, e enerva ao que a ella se entrega. O militar que se abandona brutalmente aos comprados afagos das prostitutas, ao excesso do vinho, que o embrutece, ou á funesta distração do jogo, que o degrada, jamais abrigará no seu peito aquelles sublimes, e energicos sentimentos de um homem livre, e de um patriota. E não obstante os nossos exercitos adoecerem pouco a pouco de todas estas enfermidades moraes, que destroem nos seus individuos o enthusiasmo militar, a mais geral, e quiçá a mais perniciosa é o jogo.

Embebidos n'ella uma grande parte dos nossos

officiaes, descuidam-se das suas obrigações, fundam as suas esperanças, não nos adiantamentos que pode proporcionar-lhes o seu valor, e pericia, mas em alguma ganancia chimerica, ou criminosa, occupam n'ella as horas que deviam empregar em instruir-se, offerecem um exemplo prejudicial ao soldado, aviltam-se ás vezes nos termos os mais baixos, e finalmente applicando os seus sentidos a este desastrado entretenimento, olham para outra qualquer coisa, que não seja ganhar ou perder, com a mais estupida indifferença. Desde logo se deixa ver que sem o extreminio d'estes vicios não pode haver exercito; e posto que sejam necessarias para o conseguir as mais severas, e executivas penas, contribue não pouco para o intento o trabalho corporal, e o exercicio continuo, que tambem são partes da disciplina; pois entre as grandes vantagens que resultam de ter o soldado em continua occupação e movimento, não é de pequena entidade a que provem de o acostumar a soffrer as fadigas. Esta circumstancia é tão necessaria como todas as demais que concorrem para formar um exercito respeitavel, porque pode muito bem passar-se uma campanha sem uma batalha; porem em nenhuma campanha pode deixar de haver trabalhos, marchas, incommodos, faltas do necessario, intemperie das estações, e temporaes. Demais com o trabalho corporal e movimentos rapidos, e continuos enrijece o soldado, conserva-se são, e aprende a levantar trincheiras, abrir fossos, fazer fachinas, e outras obras de campanha, e o General evita de envolta com isto a ociosidade entre a sua gente, confunde o inimigo, e disfarça os seus verdadeiros projectos. Por tanto a ignorancia, a má organisação e a falta de disciplina, são o Duende, que o publico suppõe nos nossos exercitos. Desterrem-se d'elles os vicios, introdusa-se a mais severa e exacta disciplina, fomente-se o espirito militar e a instrucção com grandes premios, e grandes castigos, excite-se o valor da tropa, buscando meio de enthusiasmal-a, sacrifique-se tudo á sua abundante sustentação, abrigo e decencia, e então acharemos heroes nas nossas filas, não haverá dispersões, e os escravos francezes desbaratados pelos soldados livres da Hespanha, buscarão precipitadamente um asylo no outro lado dos Pirineus.

Vizeu—8-11-908.

RIBEIRO ARTHUR.

CIENCIA MODERNA

O relevo na fotografia

Acabámos de nos referir ao processo fotografico para a transmissão a distancia e já agora temos de nos ocupar de uma nova invenção, que se pode quasi considerar, sua congenere—a fotografia obtida com o relevo proprio dos objectos, invenção devida ao conhecido homem de ciencia, o dr. Lippmann, nome já consagrado pela sua grandiosa descoberta da fotografia a côres.

Eis como Lippmann conseguiu obter o resultado desejado:

Partindo do facto de que a constituição de um aparelho fotografico apresenta grandes analogias com o aparelho visual do homem, é claro que para se obter uma perspétiva, temos de recorrer ao uso de estereoscopios, obtendo-se dessa forma, o relevo das imagens. Supôs Lippmann que, se podesse reproduzir um olho de um coleoptero, chegaria a resultados bastante aproximados dos aparelhos estereoscopicos.

O olho dêsses insetos é, na verdade, constituido por multiplas facetas bastante diminutas, e cada uma dellas vae reproduzir na retina, uma parte do objecto, dando o conjunto de todas as suas facetas, a vista completa do objecto.

Preparou, então, Lippmann, uma pelicula de colódio, sobre a qual estendeu uma camada gelatinosa encanudada. Esta operação da encaudagem cria uma serie de 25 globulos por cada milimetro quadrado, e cada um delles, forma dois hemisferios, sendo um delles, de raio mais fraco que o outro (o da frente), o qual desempenha o papel de objectiva—o segundo globulo é o que retem a imagem.

O olho virtual assim constituido, vae apanhando pequenas frações do objecto, que reunidas dão a imagem total, juntamente com o relevo proprio e as mudanças de perspétivas. Cada globulo encerra hermeticamente a sua imagem e nenhum pode transmittil-a ao globulo seguinte, pois a menor parcéla de colódio enegrecida, que forma a separação delles, intercéta a luz e dessa forma o olho não póde distinguir senão uma imagem mas sob todos os aspectos, tal como se olnassemos para uma janéla em que as bórdas do cliché fossem o caixilho.

Até hoje, o professor Lippmann obteve apenas negativos; que facilmente são transformaveis em positivos, basta para isso reprodusil os em outra chapa. Quanto ao aparelho fotografico para esse resultado, não existe.

Coloca-se a pelicula em um caixilho vulgar, o qual se foca, deante do objecto que se quer reprodusir, abre-se e fecha-se a objectiva constituida pelo olho virtual, em um momento e a operação está terminada.

ANTONIO A. O. MACHADO.

NECROLOGIA

Pedro Duarte Pinto

O OCCIDENTE perdeu mais um dos seus devotados amigos e collaborador assiduo, em materia theatral, Pedro Duarte Pinto.

Ainda ha bem pouco escreveu o seu ultimo artigo sobre a companhia de opera portugueza actualmente funccionando no theatro da Trindade sob a direcção do conhecido, estimado e competente empresario Affonso Taveira, e já hoje o OCCIDENTE tem de registar nas suas paginas a morte de tão bello rapaz, cheio de boa vontade, intelligente e no vigor da vida. Pedro Pinto era um caracter diamantino, e o seu maior praser era praticar o bem e soccorrer fosse quem fosse que se lhe aproximasse. Tinha sempre o maior gosto em poder ser util e prestavel a alguem e valia-se da ultima instancia para servir um amigo, que os tinha e muitos, sinceros e verdadeiros, no numero dos quaes se considerava quem escreve estas linhas.

PEDRO DUARTE PINTO

Com os olhos arrazados de lagrimas e o coração cheio de saudade me incumbi por meu moto proprio de prestar esta ultima e sentida, ainda que modesta, homenagem á memoria de Pedro Pinto.

Nunca conheci tão leal e verdadeiro amigo e lamentarei sempre a sua perda.

Pedro Pinto, filho do sr. Valentim Duarte da Cruz Pinto, contava 37 annos de idade e começou muito novo a sua vida litteraria e como tal as suas producções estão disseminadas pelos jornaes, revistas, almanachs, etc., sendo muitos e muito apreciados os seus trabalhos.

Escreveu um sem numero de monologos, cançonetas, comedias, dialogos, muitas poesias de valor e foi auctor, de collaboração com Eduardo Coelho, da opereta comica *A Preta do Mexilhão*, parodia á opera *Aida*, representada com grande exito no theatro da Trindade.

A musica de J. Neuparth e N. Milano, muito mimosa e agradavel, completava o conjuncto da bella peça.

Pedro Pinto era muito consciencioso em tudo quanto escrevia, e as suas criticas theatraes d'uma grande imparcialidade e fino tacto que lhe dava fóros de *critico sensato*.

Exerceu com todo o seu bom criterio e sensatez o cargo de vereador municipal na camara presidida por seu fallecido tio o conde de Restello, foi socio installador da Sociedade Almeida Garrett, secretario da junta de conciliação da Associação d'Imprensa Portugueza, socio fundador da Sociedade de Propaganda de Portugal, e actualmente pertencia aos corpos gerentes da Associação dos Jornalistas e Escriptores Portuguezes.

Do seu repertorio theatral lembro-me das seguintes peças, todas representadas com geral agrado: *Dois annuncios*, *Trapalhadas do Baptista*, *Vermelhinha*, e, incluida no repertorio da Trindade na presente época, a sua bonita e engraçadissima opereta original em 3 actos *A egua do Morgado*, em que andava muito interessado e influido quando a morte o veio roubar tão brutalmente do seio da familia e do convivio dos seus amigos, que tanto o estimavam.

Dirigiu com muita competencia e zelo por muitos annos o *Encanto* e mais tarde o *Gil Braz*, jornal dedicado muito especialmente ao theatro e de que foi fundador, e n'estes ultimos annos collaborou com assiduidade nos almanachs illustrados dos *Theatros*, *Occidente*, *Theatro do Gymnasio*, etc.

Como empregado publico era muito considerado pelo seu porte exemplar, e dos serviços de que o incumbiam desempenhava se sempre de modo a merecer elogios.

A prova do que digo foi a manifestação imponente do seu funeral, que se realisou no dia 16 imediato ao do seu falecimento, e em que se encorporou a maior parte dos seus amigos e collegas de todas as categorias da Caixa Geral de Depositos, onde era amanuense e muito querido e estimado, e merecia-o porque no rosto de Pedro Pinto via-se sempre a expressão da bondade e da sua bocca nunca sahiu uma inconveniencia ou desprimor.

Que descance em paz a boa alma do meu bom amigo, restando-me para sempre uma eterna saudade.

A' sua enlutada familia enviamos a expressão sincera do nosso pesar.

RODRIGO A. DA SILVA.

As instalações de artigos de iluminação dos srs. Ramiro Pinto & C.ª

Desde o dia 1 de outubro ultimo que se acha inaugurado em Lisboa mais um estabelecimento importante de artigos de iluminação, pertencente á firma comercial Ramiro Pinto & C.ª, na rua Augusta, n.º 146 e 148, em propriedade que foi inteiramente reedificada, em gosto moderno, sem comtudo destuar das outras que formam aquelle antigo arruamento.

Esta nova casa de comercio, póde bem considerar-se das primeiras do seu genero, pela circumstancia de seus fundadores serem homens experimentados nas lides comerciaes e da industria, como é o sr. Antonio Cardoso de Oliveira, antigo comerciante da praça de Lisboa e que pelo seu trabalho ativo e inteligente, conseguiu adquirir meios de fortuna, empregando sempre seu capital no comercio e na industria; e o socio sr. Ramiro Montes Pinto, com longa pratica da especialidade de artigos de iluminação, e de sanidade, instalações elétricas, canalisações, etc., tendo sido empregado da antiga casa Julio Gomes Ferreira & C.ª durante dez annos, onde deu sobejas provas da sua inteligencia e atividade.

Com estes elementos conseguiram os srs. Ramiro Pinto & C.ª dotar Lisboa com mais um estabelecimento inteiramente moderno e modelo no genero, tão necessario hoje para as comodidades e exigencias da vida e do qual damos o seu aspeto nas gravuras da pagina seguinte.

Com prazer registramos mais este progresso da nossa capital, não tendo duvida em recomendar a nossos leitores que visitem o estabelecimento dos srs. Ramiro Pinto & C.ª, onde podem apreciar uma magnifica exposição de candieiros de todos os generos, de grande novidade e elegancia, assim como de todos os mais artigos concernentes e de sanidade, a satisfazer completamente todas as exigencias, pela grande variedade que ali se encontra, tudo de bom gosto e do mais moderno.

AS INSTALAÇÕES DE ARTIGOS DE ILUMINAÇÃO DOS SRS. RAMIRO PINTO & C.ª, INAUGURADAS NO DIA 1 DE OUTUBRO, NA RUA AUGUSTA, 146 E 148
(Fotografia do Sr. A. Lima)